

A divulgação do conhecimento histórico entre e fora dos pares:  
entrevista com Prof. Dr. Bruno Leal

*The divulgation of historical knowledge among and outside peers:  
interview with Prof. Dr. Bruno Leal*

*La divulgación del conocimiento histórico entre y fuera de los pares:  
entrevista con el Prof. Dr. Bruno Leal*

*Dalila Varela Singulane*<sup>1</sup>

*Ana Beatriz Siqueira Bittencourt*<sup>2</sup>

*Carolina Saporetti*<sup>3</sup>

Um tema em voga hoje é o debate em torno da História Pública e seus desdobramentos. Neste caminho, e no contexto atual de nosso país, a divulgação científica torna-se cada vez mais significativa e necessária para o combate a desinformação sistemática e na construção de um entendimento mais apurado acerca dos processos vividos. Com uma extensa experiência na área, o entrevistado desta edição é o idealizador e coordenador do Café História, maior portal de divulgação científica de história no Brasil, se destacando como um dos grandes nomes da área.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestra (2021) em História pela UFJF. Bacharela em História (2018) pela UFJF com habilitação em Patrimônio Cultural. Conselheira suplente Conselho Municipal de Cultura na Prefeitura de Juiz de Fora (MG). Integrante do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Ubá (MG). Vinculada ao Museu de Arqueologia e Etnologia Americana (MAEA-UFJF). Membro do LAPA (Laboratório de Patrimônios Culturais) da Universidade Federal de Juiz de Fora e integrante do grupo de pesquisa CNPq - Patrimônio e Relações Internacionais. Editora-chefe da revista acadêmica “Faces de Clio” e gerente editorial da “Locus: revista de História”, ambas vinculadas ao PPGH-UFJF. Pesquisas e trabalhos na área de Patrimônio Cultural, Racismo e Políticas Públicas de preservação. E-mail: dalilavarela.s@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutoranda em História Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ). Graduação e Mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense, com ênfase na área de História Antiga. Coordenadora do canal Cool História no youtube, voltado à divulgação científica das áreas de Pré-história e História Antiga, atua também como professora do módulo de Humanidades Aplicadas no Programa de Trabalho Protegido na Adolescência (PTPA - UERJ/FIA). Email: bia.sbittencourt@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutoranda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestra em História pela UFJF (2017). Graduada em Licenciatura e Bacharelado em História com ênfase em patrimônio histórico pela mesma instituição. Membro do LAPA (Laboratório de Patrimônios Culturais) da Universidade Federal de Juiz de Fora e integrante do grupo de pesquisa CNPq - Patrimônio e Relações Internacionais. Atualmente exerce a função de curadora no Centro de Conservação da Memória da Universidade Federal de Juiz de Fora (CECOM-UFJF). Áreas de interesse: patrimônio, memória, IPHAN, políticas de preservação do patrimônio, relações internacionais. E-mail: carolina.saporetti@estudante.ufjf.br.

O professor Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho é Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade de Brasília (UnB) e do Programa de Pós-Graduação em História desta mesma universidade. Tendo sido também professor-colaborador do Programa de Pós-Graduação em História Pública da Universidade Estadual do Paraná (2019-2022), e professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (2015-2017). É membro da Rede Brasileira de História Pública e da Associação das Humanidades Digitais. Possui estágio pós-doutoral em História Social pela UFRJ, Doutorado em História Social (UFRJ, 2015), Mestrado em Memória Social (UNIRIO, 2009), Especialização em História Contemporânea (PUCRS, 2010), Graduação em História (UERJ, 2008) e Comunicação Social (UFRJ, 2006). Tem dedicado sua pesquisa principalmente aos temas de História Pública e Divulgação Científica, desenvolvendo também, estudos sobre crimes nazistas e justiça no pós-guerra.

Agradecemos ao professor pela entrevista. Esperamos que a leitura desta dispare o seu olhar para a necessidade da produção de um conhecimento que não esteja limitado pelos muros da academia, mas que seja experimentado em meio a sociedade que vivemos.

Boa leitura!

\*\*\*

**- Prof. Dr. Bruno, o portal Café História é, provavelmente, um dos mais antigos e de maior alcance canais de divulgação em atividade atualmente. Gostaríamos que falasse um pouco sobre como foi o processo de fundação e começo das atividades naquele momento. Foi um projeto que nasceu individualmente ou estiveram envolvidos outros profissionais? Como foi a recepção entre os/as historiadores/as? Qual foi o maior desafio ao longo desses 14 anos na divulgação do conteúdo historiográfico para fora dos pares?**

A ideia surgiu em meados da década de 2000, quando eu cursava, simultaneamente, as faculdades de jornalismo e história. Eu sempre gostei muito de tecnologia, e nesta época estava muito empenhado em desenvolver um espaço digital que pudesse conjugar as minhas duas áreas de formação. No início, eu tentei fazer isso por meio de blogs, fóruns e até comunidades no Orkut, mas nada deu muito certo. No final de 2007, eu descobri uma plataforma chamada *Ning*, cuja empresa tinha sede no Vale do Silício, na Califórnia, nos Estados Unidos. O *Ning* permite que qualquer pessoa crie a sua própria rede social. Eu tive, então, uma espécie de epifania: aquele modelo era perfeito para o que eu queria fazer. Daí, foi muito trabalho. Passei um bom tempo estudando a linguagem do *Ning*, planejando as seções, a linha editorial e as estratégias de comunicação que iria utilizar no projeto. O Café História

foi ao ar no dia 18 de janeiro de 2008. Era um site híbrido: rede social e portal de difusão de conteúdos sobre história.

Eu trabalhei sozinho da concepção do projeto. Eu escolhi o nome, produzi os primeiros conteúdos, desenvolvi a identidade visual e a estrutura de navegação. Eu também cuidava da moderação, da mediação e da divulgação dos materiais nas redes sociais. Eu sempre tive, portanto, esse papel de editor-chefe. Mas como se tratava de uma rede social, o projeto logo assumiu um caráter colaborativo. Havia dois tipos de seções nesta primeira fase do Café História (2008-2016): as seções em que os conteúdos eram publicados pelos participantes, isto é, pessoas que tinham perfis pessoais na rede, e seções em que os conteúdos eram produzidos por mim ou por meus convidados.

A recepção dos historiadores profissionais foi muito boa. Havia uma demanda enorme por algo como o Café História. Quando o site foi ao ar, lembro que semanas depois já havia perfis de professores que atuavam desde o ensino básico até o ensino superior. No início, eu conhecia quase todas as pessoas, mas depois o site começou a ganhar vida própria, para além da minha rede social pessoal, e muitas pessoas, de diferentes idades, formações e origens geográficas, começaram a chegar. Em poucos meses, o Café História foi de 30 para 3 mil membros. Essas pessoas participavam de vários espaços de discussão: criavam fóruns, comentavam fotos, postavam vídeos e mensagens de blog. Isso foi uma grande conquista, pois eu sempre pensei o projeto a partir do referencial da divulgação científica. No final de 2016, o Café História tinha cerca de 65 mil membros.

O Café História sempre teve muitos desafios. No início, por exemplo, eu não tinha modelos. Não havia nenhuma experiência prévia semelhante na qual eu poderia me espelhar. Tive que testar muita coisa. Era meio que tatear no escuro. Minha grande referência em divulgação histórica era a Revista de História da Biblioteca Nacional. Mas ela era uma revista impressa e não uma rede social. Logo depois, por volta de 2012, quando o Café História já estava bem estabelecido, o desafio foi fazer a moderação dos conteúdos colaborativos e a mediação dos conflitos entre os usuários. Em princípios de 2016, o modelo colaborativo que deu tão certo por tanto tempo chegou, na minha avaliação, a um esgotamento. Além disso, eu estava insatisfeito com o *Ning*, que havia se tornado muito defasado em termos tecnológicos. Foi neste momento que tomei a decisão de deixar o *Ning* e reformular o Café História. Em 18 de janeiro de 2017, aos nove anos de idade, o Café História foi relançado na plataforma Wordpress. Ele deixa de ser uma rede social e se transforma em uma plataforma 100% de

conteúdos originais. Neste novo Café História, as pessoas não têm mais conta, não publicam conteúdos, a não ser aqueles que são convidados por mim.

Eu fiquei receoso com a mudança. Achei que poderia haver algum tipo de desaprovação. Mas isso não aconteceu. As pessoas gostaram muito daquele novo formato. Foi nessa época também que a minha companheira, Ana Paula Tavares, historiadora e jornalista, começou a participar do Café História. Desde então, ela vem cuidando de projetos especiais e monitoramento de dados. Hoje, o maior desafio do Café História é manter a periodicidade de publicação e driblar as imposições, as armadilhas e as sanções dos algoritmos das redes sociais e motores de busca.

**- A princípio, qual foi o perfil de público pensado na criação do Café História e qual foi público efetivamente alcançado? Com a diversificação dos espaços de divulgação ocupados pelo Café História, houve alguma mudança de perfil do público que efetivamente interage com o conteúdo produzido?**

O público pretendido tem o seguinte recorte: adultos, não-historiadores, ensino médio ou superior, com interesse em política e sociedade. Alcançar o não-historiador é o objetivo mais importante, pois, afinal, estamos falando de um projeto de divulgação científica. Recentemente, eu fiz uma pesquisa espontânea com os nossos visitantes. Eu queria saber se a maioria era de historiadores ou de não historiadores. Essa pesquisa consistiu em uma enquete perguntando se o usuário tinha formação em História ou não. A enquete foi ao ar no perfil do Café História do Facebook e no próprio Café História. Eu publiquei a enquete nessas duas frentes porque tinha uma intuição muito forte: o resultado poderia ser bastante diferente a depender da “porta de entrada”.

Não deu outra. Os dados confirmaram a minha hipótese. Eu descobri que 32% das pessoas que chegam ao Café História por meio do Facebook não possuem formação em História, enquanto que esse percentual é substantivamente maior no caso das pessoas que chegam via Google: 50%. Isso mostra que, atualmente, o Café História está dentro de uma bolha acadêmica no Facebook. Lá eu falo principalmente para historiadores. No Google, não. Saber isso é muito importante porque me ajuda a desenvolver estratégias de comunicação mais certas, baseadas mais em “ciência” do que em achismos.

Embora o público não-historiador seja o nosso público prioritário, isso não quer dizer que nós não nos importamos com o público com formação em História. De forma alguma. O

grande afluxo de historiadores ao Café História é algo muito natural, e mostra também o reconhecimento que o Café História tem no campo. Nós sabemos, por exemplo, que muitos professores de História do Ensino Básico acessam o site. Nós valorizamos tanto essa presença, que criamos uma seção específica, em parceria com o ProfHistória, o mestrado nacional de Ensino em História. Todo mês o Café História publica duas matérias sobre dissertações que foram premiadas do programa. Então, acho que é possível acolher bem diferentes públicos no nosso projeto.

**- Como professor universitário, como é a história pública dentro das universidades? Há resistência nos/as historiadores/as para a produção de conteúdo para o grande público? E os/as discentes, costumam se interessar e propor novos métodos e meios para que essa divulgação aconteça?**

Eu não posso falar por todas as universidades, claro. Mas a minha sensação é a de que os departamentos e os programas de pós-graduação em História estão, de uma forma geral, abertos para os debates e as práticas de comunicação da história para amplas audiências. Esse cenário era muito diferente há dez anos, quando as pessoas mal sabiam o que era História Pública. Isso mudou, penso eu, devido a uma renovação no quadro docente e, principalmente, por conta da força da comunicação digital em nossas vidas e do fenômeno do negacionismo histórico. Ficou agora evidente que os historiadores precisam discutir o seu ofício a partir da lógica da comunicação social.

A abertura, nos últimos anos, do Programa de Pós-Graduação em História Pública, na Universidade Estadual do Paraná, e de um bacharelado em História Pública, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, são, para mim, evidências desta maior abertura da academia para essa história que circula e que se faz fora da universidade (mas em parceria com a universidade). É preciso destacar também a atuação de vários historiadores brasileiros no estabelecimento de um circuito nacional de História Pública. Colegas como Ricardo Santiago, Anita Lucchesi, Juniele Rabêlo, Ana Maria Mauad, Sônia Menezes, José Newton Coelho Menezes, dentre tantos outros, foi fundamental neste processo. Muita gente foi importante para que tivéssemos a Rede Brasileira de História Pública e todo um circuito acadêmico capaz de publicar livros, realizar conferências e simpósios. Não à toa as pesquisas e projetos de historiadores públicos brasileiros são tão reconhecidos internacionalmente.

Eu tenho tentado espalhar a semente. Aqui na Universidade de Brasília, eu desenvolvi uma disciplina optativa chamada “Divulgação Científica e História Pública”. Mas bem antes mesmo disso, eu já tinha oferecido essa disciplina na UFRJ e já havia ministrado disciplinas com esses conteúdos na PUCRS e na UFF. Em todas as ocasiões, eu sempre notei grande interesse dos discentes. Lembro muito bem do curso que eu dei na UFRJ. A avaliação final do curso foi a elaboração de um curta-documentário sobre a visita de Albert Einstein ao Rio de Janeiro. Para isso, nós começamos a usar os espaços do IFCS/UFRJ para fazer passagens, entrevistas e outros tipos de gravações. Em um curso de comunicação social é muito comum você ver câmeras, fios e microfones espalhados pelos corredores e salas, mas no curso de História isso não é nada corriqueiro. Lembro que os alunos viam tudo aquilo e adoravam, queriam saber do que se tratava.

Há resistência aqui e ali, mas eu acho que essa resistência se deve ainda, na maioria dos casos, ao desconhecimento das propostas de história pública. Ainda persiste uma certa imagem da divulgação como um ato de banalização. Parte, então, de nosso trabalho é desconstruir essa visão do processo de comunicação da história para amplas audiências. A História Pública foi institucionalizada nos anos 1970, nos Estados Unidos, mas no Brasil, sua história é muito recente, remontando ao início da década de 2010. Penso que a maioria dos colegas historiadores reconhecem a importância de produzir uma escrita da história democrática, participativa e libertadora. O que falta, às vezes, é entender como a História Pública pode tornar isso possível – isso só torna o debate sobre História Pública ainda mais fundamental dentro da universidade. Não que todos devamos ser historiadores públicos, eu realmente não acho isso, mas acredito que a universidade precisa discutir a comunicação como uma dimensão fundamental do nosso ofício.

**- Atualmente, com os crescentes ataques da extrema direita negacionista, a divulgação da História tem se tornado um desafio ainda maior. Como tem sido a experiência de gerir um portal desse viés nos últimos anos? Tendo em vista o contexto político e proliferação de fake news históricas, o site fez postagens mais direcionadas ao esclarecimento de temas em alta?**

Na época de rede social, o problema era maior, porque não era possível fazer a moderação de todo o conteúdo que os membros do Café História colocavam no ar. E começou a ver cada vez mais material negacionista. O conteúdo negacionista de extrema-direita sempre

foi predominante, sobretudo em relação ao Holocausto, mas também havia material negacionista de extrema-esquerda, embora muito menos, por exemplo, postagens que negavam os crimes do estalinismo. A profusão desse tipo de postagem foi uma das razões que me levaram a abandonar o modelo de rede social. Hoje, alguns visitantes tentam publicar comentários negacionistas, mas eles não passam, pois o Wordpress me permite ter total controle do que vai ao ar.

O Café História tem publicado muita coisa boa sobre essas questões. Em 2014, o professor Ricardo Castro (UFRJ) publicou o artigo “Negacionismo do Holocausto”. Em 2019, Alexandre de Sá Avelar (UFJF) publicou “O revisionismo histórico húngaro e o fantasma do Holocausto”, e no ano seguinte, em 2020, Arthur Lima de Avila (UFRGS) publicou “Qual passado usar? A historiografia diante dos negacionismos”, que é um dos artigos mais lidos e citados do Café História. Eu mesmo, em outros anos, já publiquei bastante coisa no Café História sobre fake News e negacionismo. Em 2021, entrevistei Luís Edmundo de Souza Moraes, da UFRRJ. Considero esta uma das minhas melhores entrevistas. O Luís é um historiador fantástico e o papo que eu tive com ele propõe muitas questões sobre esse fenômeno, que ele vem analisando há muito tempo.

**- Considerando os caminhos da História Pública e a clara importância de uma divulgação científica de qualidade para a atualidade, quais os apontamentos deixaria para alguém que se interessa em desenvolver os trabalhos e pesquisa na área?**

Minha melhor sugestão é: experimente. Divulgação científica, História Pública e outras modalidades da comunicação pública da ciência são antes de tudo práticas. Nós fazemos o que fazemos pensando em alcançar diferentes audiências extra-acadêmicas. Estudar isso do ponto de vista conceitual e teórico é estruturante e incontornável, mas eu diria que desenvolver projetos de popularização da história é ainda mais importante, pois é quando mais aprendemos – desculpe o clichê – a pensar “fora da caixinha”.

Comunicar a história é um exercício contínuo, enriquecedor, contribui para a cidadania, para o combate ao negacionismo, e diverte, claro, pois o gozo também precisa ser parte dessa experiência de fruição. Então, minha sugestão é essa: desenvolva revistas, crie podcasts, faça canais no YouTube, escreva para o Café História, lance seus próprios blogs, crie perfis de história em redes sociais, coordene projetos de história ao ar livre, cruze história

com teatro, busque parceria de museus e televisão, amplie o território da universidade e mostre que ela está aberta a colaboração da comunidade.